

**Rafael Emrich de Assis**



# **Terror na Caverna**



Brasília, 2021

## Sumário

Capítulo 1 – A excursão.....	3
Capítulo 2 – As aventuras do dia.....	4
Capítulo 3 – Fogueira noturna.....	5
Capítulo 4 – A preparação.....	6
Capítulo 5 – Expedição cavernosa.....	8
Capítulo 6 – O mistério da caverna.....	10

## Capítulo 1 – A excursão

Durante todo o ano, o pessoal do 9º Ano correu atrás de dinheiro para bancar a excursão de formatura. Fizeram vaquinhas, venderam doces e salgados, criaram bazares e venderam rifas de todos os tipos. No fim das contas, eles conseguiram. Vão festejar em uma viagem para Terra Ronca.

Terra Ronca é um parque estadual de Goiás onde há várias cavernas e grutas muito bonitas. É um lugar envolvente e misterioso, onde você pode desvendar as entranhas da terra, atravessar salões com estonteantes formações calcárias e deslumbrar a ousadia da natureza. É quase como adentrar outro mundo, fazendo uma viagem ao centro da Terra.

Além disso, teriam a oportunidade de conhecer um hotel fazenda, onde poderiam se integrar ainda mais com a natureza, andando a cavalo e de carroça, tirando leite das vacas, brincando com as galinhas e os porcos, pilotando trator, colhendo frutas, etc. Isso sem falar da comidinha caseira feita no fogão à lenha. Seria uma aventura inesquecível.

O parque de Terra Ronca fica a cerca de 400 km de Brasília. A turma foi para lá de ônibus. A diversão já começou na entrada. Quem embarcava já era logo zoadado pela Galera do Fundão. Daniel, Lucas e Fernando eram os mais atentados desse grupo. Tudo virava gozação para eles. Não podia dar mole que já era motivo para zoação.

As brincadeiras só paravam quando os professores apareciam. Gabriel, o professor de Geografia, e Anita, professora de literatura, foram os eleitos para acompanhar a turma.

O professor Gabriel conhecia muito bem a região, pois já havia morado por aquelas bandas. Ele já tinha explorado a maioria das cavernas e ainda tinha alguns amigos por lá.

Já a Anita era a mais brincalhona dos professores e sempre contava diversas histórias legais. E ainda tocava violão e cantava pra caramba. A fogueira à noite ia ser animal.

O pessoal nem viu o tempo passar. As brincadeiras rolaram soltas. Todo mundo participava. Imagem e Ação, Adedonha, Verdade ou Desafio, Truco, Uno, Batalha Naval. Teve brincadeira para todos os gostos. O único que só reclamava era o Davi. Tudo atrapalhava a concentração dele. Não conseguia ler o livro ou então jogar os joguinhos no celular. Que cara chato!!!

Quando o motorista gritou: “Chegamos!!!”, ninguém acreditou, de tão rápido que foi.

Foi um corre-corre para pegar as malas e escolher os quartos. A gerente do hotel ficou doidinha com tanta bagunça. Mas, no final, todos se alojaram direitinho.

## Capítulo 2 – As aventuras do dia

O dia começava cedo. O pessoal era acordado pelo galo cantando. Quem não levantava era jogado da cama pelos professores.

O curral era o primeiro lugar a ser visitado. O pessoal da fazenda ensinava os meninos a ordenhar as vacas. O leite fresquinho ia para a mesa do café da manhã.

Na mesa do refeitório, tinha de tudo: ovos, bacon, frutas, iogurte, pão de queijo, pães salgados e doces, manteiga, requeijão, queijo, presunto, geléia e mais um mundo de coisas. Era uma fartura de dar gosto. Tudo fresco e delicioso.

Depois do café da manhã, saía a programação do dia. Cada vez era um passeio diferente. Cachoeiras, banhos de piscina, de rio ou de mangueira, trilhas, tirolesas, rapel e pêndulos, passeios a cavalo, pesca, tiro ao alvo com arco e flecha. A galera chegava exausta no fim do dia.

Ao meio dia soava um sino que dava para ouvir de qualquer distância. A meninada ficava louca e saía correndo para o refeitório. Chegando lá, cada um pegava seu prato e uma grande fila se formava. Era tanta comida deliciosa que o pessoal demorava a decidir o que colocar no prato. Quem não conseguia decidir, pegava de tudo. Os pratos pareciam o Monte Everest.

De repente tudo mudava. Nenhuma zoação ou gargalhada. O silêncio imperava no salão. Só dava para ouvir o barulho dos talheres batendo nos pratos. Todos esfomeados. Era o momento de maior felicidade do Davi.

O movimento só voltava quando alguém se lembrava da sobremesa. A torta de maçã, o pudim de leite e o brigadeiro de colher eram as que faziam o maior sucesso. Era uma lambuzada geral.

Depois do almoço, a morgação era total. Cada um procurava um cantinho ou uma rede para descansar. Tinha gente que até roncava, mesmo deitado no chão.

Porém esse descanso durava pouco, porque a Galera do Fundão começava a tocar o terror. Rapidamente os professores arrumavam uma nova programação para a tarde.

Ao final do dia, todos se juntavam para assistir ao pôr-do-sol. Era uma caminhada rápida até o mirante. Uma estrutura de madeira sustentada por cabos de aço firmes e fortes.

Em um dos dias, após subir as escadas, o pessoal se deparou com uma surpresa. Uma arara linda se aproximou voando e pousou no mirante, muito próximo à turma. Parecia que ela estava acostumada com aquela situação. Ela ficava imitando os gestos e até fazia poses para fotos. Foi muito legal.

### Capítulo 3 – Fogueira noturna

Depois do pôr-do-sol todos voltavam para o hotel e disputavam no par ou ímpar para decidir quem iria tomar banho primeiro.

De banho tomado, todos seguiam para o jantar. Macarrão e caldos eram os pratos principais. A fome era a mesma do almoço. Às vezes, até maior. Todo mundo repetia até encher a pança. Com o bucho cheio, era a hora da fogueira.

Alguns chegavam antes para ajudar o Seu João, o funcionário mais antigo do hotel, a acender o fogo. Eles o ajudavam a levar a lenha para uma clareira no centro da propriedade. Lá, ele empilhava alguns galhos e pequenas toras, fazendo quase que um castelinho de madeira. Com a ajuda de um pouco de álcool, ele acendia a fogueira.

Em poucos minutos a professora Anita chegava com marshmallows em palitos e o seu violão. Distribuía os palitinhos e começava a cantoria. Em coro, todos cantavam as músicas, se divertindo a valer. Alguns se arriscavam a dançar. Emília era a mais empolgada. Sabia todas as letras e acompanhava a professora com um pandeiro. Já o Giovanni sabia todas as coreografias e o professor de Geografia tentava acompanhá-lo.

Depois do show, chegava o momento de contar histórias. Anita tinha um repertório imenso de mitos, lendas e contos para transmitir. Monstros, homens malucos, animais e criaturas folclóricas, heróis e todos os tipos de personagens fantásticos surgiam nas histórias. As que mais chamavam a atenção eram as de terror. Os olhos da galera ficavam arregalados quando o suspense começava. As chamas da fogueira e as sombras criadas ajudavam a esquentar o clima. Alguns tinham até pesadelos e demoravam a conseguir dormir.

Em uma das noites, o professor Gabriel decidiu contar uma lenda local. Ele falou que havia uma história de que um homem habitava alguma caverna da região e que várias pessoas haviam desaparecido sem deixar rastros. Muitos moradores da vila acreditavam que ele era o responsável por esses sumiços.

De repente, surge o Seu João e afirma que a história era verdadeira. Ele mesmo já tinha ouvido uma conversa de um guia que acompanhava um grupo de turistas, há muitos anos atrás, quando um deles desapareceu, durante uma expedição em uma caverna. O pessoal da região dizia que esse homem era o Protetor das Cavernas.

Todos se assustaram na hora, mas depois relaxaram, imaginando que era só mais uma lenda.

## Capítulo 4 – A preparação

Enfim chegou o dia que todos esperavam. Vamos conhecer as cavernas!!!

A programação já estava toda definida. Sairíamos em uma expedição para explorar duas cavernas. O caminho era bem longo e, por isso, teríamos que fazer o percurso em dois dias. Ou seja, iríamos dormir por lá.

A preparação começou bem cedo, antes mesmo de o galo cantar. Cada um arrumou sua mochila com uma muda de roupas sobressalente, capacete, lanterna, pilhas, casaco, cobertor, objetos de higiene pessoal, garrafa de água e o celular que serviria apenas para tirar fotos. O professor Gabriel lembrou no dia anterior: “Não se esqueçam de deixar espaço para a comida!!!”.

Com a mochila quase pronta, o pessoal seguiu para o refeitório. Lá estavam separados vários kits, cada um com uma barraca dupla, dois colchonetes enrolados e amarrados e dois recipientes com comida. As duplas já haviam sido separadas pelos professores. Um ficava responsável por prender a barraca em sua mochila e o outro por fazer o mesmo com os colchonetes. Os recipientes de comida iam para dentro de cada mochila.

Pronta e equipada, a galera partiu para o café da manhã.

Enquanto comiam, perceberam a presença de duas pessoas novas, sentadas próximas à mesa dos professores. Um era mais velho, aparentando cerca de 40 anos. O outro era bem novinho, com cara de uns 22 anos. Daniel ficou super curioso e perguntou ao professor quem eram eles. Ele então se levantou e apresentou Pedro e Adenilson como os guias da expedição.

Adenilson, o mais velho, iniciou uma apresentação sobre as cavernas, explicando as atrações que encontraríamos e também o que podia e não podia ser feito. O principal alerta foi para que não tocássemos, de jeito nenhum, nas formações rochosas, pois elas são muito frágeis e o risco de destruí-las era grande. Além disso, sempre havia o perigo de provocar um deslizamento ou algum outro acidente. Ao final, ele comentou que exploraríamos a Caverna Terra Ronca I, a mais extensa, durante o dia. No fim da tarde montaríamos acampamento, ainda dentro da caverna. No outro dia partiríamos para a Terra Ronca II, seguindo uma trilha de 4 km pela mata, passando por uma cachoeira.

Após a explicação, os professores reuniram o grupo para embarcar no ônibus. Seria uma viagem de cerca de 1 hora. Cada dupla tinha que cuidar de suas coisas, mas, para variar, Wesley, sempre distraído, esqueceu sua mochila no refeitório. E lá vem correndo a gerente do hotel com a mochila dele. A Galera do Fundão não perdeu e começou a zoar o esquecido.

A viagem passou rapidinho por conta da cantoria puxada pela professora Anita. Quando demos conta, já estávamos na entrada da caverna. O motorista encostou o ônibus e todos desceram e se depararam com uma “boca” gigantesca no meio de uma

montanha, encoberta por uma vegetação típica do cerrado, Era um espetáculo que mereceu uma sequência de fotos.

## Capítulo 5 – Expedição cavernosa

O pessoal tirou fotos de todo o jeito, sozinho, em grupo, pulando, deitado, sentado e até plantando bananeira. Os álbuns nas redes sociais iriam ficar muito bacanas.

Em um canto, ao lado da entrada da caverna, tinha até um santuário, cheio de imagens de santos e cruzes. Logo abaixo do altar havia algumas fotos. Segundo o Pedro, guia mais novo, aquelas eram fotos das pessoas que tinham desaparecido por lá. Quem estava ao lado dele ficou meio assustado, mas a sensação passou quando os demais vieram tirar fotos no local.

Fim das fotos, o guia Adenilson reuniu a galera para passar algumas ordens: colocar os capacetes, acender as lanternas, andar em fila indiana, não correr, não pular, não gritar, procurar manter-se na sequência, não se separar dos demais e, novamente, **NÃO TOCAR NAS FORMAÇÕES ROCHOSAS**.

A maioria ouviu as regras com atenção, menos a Galera do Fundão, que não parava de falar.

Adenilson então seguiu puxando a fila pela trilha, com o professor Gabriel posicionado na metade do grupo e o guia Pedro fechando a fila e resgatando os desgarrados.

Já na primeira curva a escuridão tomou conta do ambiente. Só dava para ver a galera por conta das luzes das lanternas. Veio um medinho, mas, passado um tempo, os olhos se acostumaram com a falta de claridade.

Ao chegar à primeira galeria, Adenilson deu uma aula sobre estalactites, estalagmites e todas as espeleotemas que existem em cavernas. As formações se juntam e geram esculturas encantadoras. Mais uma sessão de fotos!!

Daniel e Lucas não paravam de gritar e ainda ficavam passando as mãos nas formações. Numa dessas, o professor viu o acontecido e chamou a atenção dos dois.

Seguimos pela trilha, passando por trechos em que precisávamos até nos arrastar no chão, para conseguir passar pelos obstáculos. Teve um momento em que o Davi acabou prendendo a mochila em uma das rochas e se desesperou, gritando. O grito foi tão alto que provocou uma revoada de morcegos, colocando a galera em pânico.

Também encontramos vários insetos no caminho, como uma aranha de quase meio metro. Foi amedrontador e alvo de novas fotografias.

Após três horas de caminhada, chegamos a uma galeria imensa, onde Adenilson falou: “Aqui será o nosso novo refeitório”. Todos abriram suas mochilas e começaram a almoçar.

Depois do almoço, a caminhada recomeçou. Passamos por outras galerias e até por pequenos córregos. Em um desses lugares, o pessoal começou a brincar de



empurra-empurra e acabaram jogando o Wesley dentro da água. Enquanto Pedro ajudava o menino, Adenilson pagou um sapo pra geral. Logicamente, Fernando, Lucas e Daniel estavam nesse grupo.

Ao final da tarde, chegamos ao local de acampamento. Era a hora de montar as barracas. Todos se ajudavam, enquanto os guias acendiam os lampiões que haviam trazido.

A galera estava morta de cansaço e logo foram dormir. Os professores fizeram a chamada e depois também se recolheram em suas barracas.

## Capítulo 6 – O mistério da caverna

No meio da noite, Fernando se levanta para fazer “xixi”. Ele sai da barraca e resolve caminhar um pouco pela caverna para fazer suas necessidades. Distraído, acabou esquecendo a lanterna. Quando estava retornando, tudo ficou escuro, pois os lampiões se apagaram. Desesperado, pensou em gritar, mas alguém chegou por trás, tampando sua boca e o arrastando para longe.

De repente, Lucas desperta e vê que Fernando tinha sumido. Pega sua lanterna e percebe que tudo estava escuro. Com medo, começa a gritar, acordando a todos. Os guias, imediatamente, reacendem os lampiões e os professores saíram correndo para ver o que estava acontecendo.

Depois de algumas buscas sem sucesso, decidiram reunir o grupo. A decisão foi de que Adenilson e o professor Gabriel iriam sair para procurar Fernando. Enquanto isso, Pedro e Anita ficariam cuidando dos alunos que estavam muito nervosos com a situação.

Adenilson e Gabriel seguiram pela trilha em busca do menino. Ao chegar à saída da caverna, encontraram um pedaço de pano ensanguentado, que parecia ser da roupa do Fernando. A busca continuou.

Dentro da caverna ninguém conseguiu voltar a dormir. Qualquer barulhinho virava motivo de susto. Alguns começaram a chorar. Os adultos tentavam acalmar os alunos, mas o tempo ia passando e nada de Adenilson e Gabriel retornarem.

Depois de duas horas sem notícias, Anita e Pedro decidiram juntar as coisas e levar as crianças para fora da caverna. Chegando lá fora, ainda de madrugada, começaram a gritar, procurando pelos três.

De repente, ouve-se um urro vindo da mata. Olhando para cima do monte, Anita vê um vulto passando. O desespero toma conta de todos. Foi uma gritaria total. Pedro sai correndo na direção apontada pela professora e some na escuridão.

Sem saber o que fazer, Anita reúne as crianças e pede a todos que fiquem sentados e de mãos dadas, aguardando o dia amanhecer.

Felizmente, alguns minutos depois, surgem Adenilson e Gabriel, acompanhados de moradores da região. Uma parte retornou com as crianças para o hotel e os demais partiram em busca dos desaparecidos. O grupo de busca contava com Adenilson, Gabriel e três moradores.

Um desses moradores era um grande rastreador e encontrou alguns vestígios e pegadas saindo da trilha. O grupo se embrenhou pela mata em silêncio.

Seguindo as pistas deixadas, chegaram a uma clareira onde encontraram restos de comida e uma fogueira apagada há pouco tempo. Começaram a gritar por Fernando e Pedro. Um dos moradores escutou um barulho e chamou os demais. Caminhando em direção ao rio, os gemidos ficavam mais altos. Gabriel apontou a

lanterna para o chão à frente e enxergou uma vala. Dentro dela estavam o menino e o guia amordaçados, amarrados e com sacos de lixo sobre suas cabeças. Um dos moradores desceu no buraco e os resgatou.

Os dois estavam muito assustados, machucados e com as roupas rasgadas. Eles não conseguiram explicar como tinham chegado ali. Só diziam que um cara muito forte os tinha prendido lá e que ficava repetindo: “Eu sou o Protetor!! Eu sou o Protetor!! Saíam das minhas cavernas!!”.

**FIM!!**

O LIVRO CONTA A  
AVENTURA  
ATERORIZANTE DE  
UM GRUPO DE  
ALUNOS, EM UMA  
VIAGEM DE  
FORMATURA,  
CONHECENDO  
CAVERNAS DO  
INTERIOR DE GOIÁS.

